

Nova Área de Arte Rupestre: Serra do Lajeado, Tocantins [A New Brazilian Rock Art Area: Serra do Lajeado, Tocantins]

Julia Cristina de Almeida BERRA

Rua Bartira, 1052 – Ap. 35, São Paulo SP - Brasil

Abstract

This paper addresses the ongoing research on 19 pictograph sites that have been identified up to now in rock shelters of Serra do Lajeado, located in the central region of the State of Tocantins. It focuses primarily on the style and the contents of the pictures as well as technology of production, the properties of the material and tools used.

The prehistoric inhabitants of Serra do Lajeado produced a rock art with many distinct features through long periods of time. One of the aims of that analysis, especially when related to super positioning and other stratigraphic observations on the wall, is to present some chrono-stylistic aspects associated with different sectors of the surveyed area.

Introdução

Até o momento, o projeto de resgate do patrimônio arqueológico na região impactada pela construção da UHE Luis Eduardo Magalhães no médio curso do Rio Tocantins realizou quatro etapas de campo voltadas exclusivamente à arte rupestre.

Caracterização Ambiental e Delimitação da Área de Pesquisa

A área de estudos situa-se entre os paralelos 9° 45' e 10° 15' de latitude sul, e os meridianos 48° 13' e 48° 19' de longitude oeste, na região central do estado do Tocantins, paralela à depressão do Tocantins/Araguaia. Trata-se de um dos conjuntos de serras de diferentes feições que se destacam na topografia devido ao contato falhado entre as rochas sedimentares da Bacia do Parnaíba e as cristalinas pré-cambrianas (Mantovani 1990).

Na maior parte de sua extensão longitudinal, a serra acompanha a calha maior do rio Tocantins, em seu médio curso. Seu principal tributário nesse trecho é o rio Lajeado, que corre paralelamente a uma média de oito km ao leste, por cerca de 60 km, encaixado entre duas fileiras de montanhas que compõem a Serra do Lajeado entre as cidades de Monte do Carmo e Tocantínia

O conjunto de relevos associados à serra destaca-se de sua zona de piemonte ocidental por um desnível em média de cerca de 300 a 450 m atingindo, por vezes, cotas superiores ao nível de 700m. Possui uma superfície cimeira ora plana, ora apresentando leves ondulações inclinadas para um grande número de veredas que tomam nascentes no topo das chapadas marcadas por vales profundos, denominados vãos pela população local.

Esses relevos acentuados são sustentados, em sua maior parte, pelas litologias areníticas da Formação Pimenteiras, de idade devoniana, composta de arenitos finos a grosseiros e, sobretudo, por siltitos, siltitos foliáceos, ferruginosos e argilitos, apresentando alternância de cores branca e arroxeada (Mantovani 1990). Já a formação Serra Grande, segundo esse autor, ocupa posição basal na sedimentação ligada à bacia do Parnaíba e aflora, sobretudo nas cornijas das chapadas, que possuem uma altura em torno de uns 80 metros, apresentando declives verticais, às vezes pontualmente negativos, formando os abrigos sob rocha onde se encontram os sítios pré-históricos.

Os sítios rupestres estudados localizam-se em três trechos serranos da Área de Proteção Ambiental do Lajeado, à margem direita do Rio Tocantins, delimitada ao sul pelo rio Taquarussu Grande, ao norte pelo córrego Lajeadozinho. No eixo este-oeste a pesquisa situa-se entre o vale do rio Lajeado e a planície do Tocantins. São contextos locais distintos na estrutura da paisagem onde o sítio mais ao norte dista 48 km do mais ao sul, em vôo de pássaro. As gravuras em lajedos no leito do Tocantins estão entre essas coordenadas.

Os Sítios Arqueológicos

O universo de pesquisa é de 21 sítios rupestres, muitos deles aparentam não terem sido visitados pelo homem atual, haja vista seu alto grau de integridade.

Em muitos sítios as unidades gráficas permitem um reconhecimento instantâneo de representações do mundo sensível, enquanto outros comportam quase que exclusivamente composições gráficas não reconhecíveis ou, ainda, uma combinação entre elas. O fato de diversas figuras frequentarem sítios distintos, independentemente de sua inserção geográfica, muitas vezes com formas diferentes de apresentação gráfica, confere à região uma grande variedade temática e estilística.

O nosso universo de pesquisa é ainda pequeno e seria fútil qualquer tentativa em se estabelecer um estilo que viesse a caracterizar a arte rupestre da serra do Lajeado. Entretanto, já podemos observar algumas preferências temáticas associadas a marcadores geográficos que delimitam claramente alguns territórios. Ao caminhar entre sítios próximos, observamos que preferências temáticas e técnicas, seja em painéis, seja em ocorrências esparsas, estão circunscritas por vãos onde correm riachos ladeados por expressiva mata galeria.

A seguir apresentamos uma síntese dos conjuntos rupestres, agrupados segundo sua inserção na paisagem.

1º Conjunto

São sete sítios, localizados na região sul da área pesquisada, na micro bacia do Ribeirão Água Fria, próxima à capital do estado, Palmas. Embora apresentem a mesma configuração geomorfológica e condições de acesso parecidas, são muitas as particularidades em suas manifestações parietais quando consideradas conjuntamente. Mesmo distantes do Rio Tocantins, é possível vislumbrá-lo enquanto uma linha no horizonte. As grotas são inúmeras, com muita água brotando dos paredões cujos cumes se estendem em um platô para o leste, onde estão as cabeceiras do Lajeado e inúmeras fazendas.

Sendo contíguos, podemos notar que, embora a temática seja basicamente a mesma - representações do mundo animal e grafismos geométricos - a diferenciação na confecção técnica e na frequência com que os temas compõem, se acentua à medida em que atravessamos três vãos, ou seja, os vales profundos que delimitam claramente conjuntos de paredões.

Algumas dessas diferenças parecem ser idiossincráticas. O aprofundamento do estudo analítico dos grafismos permitirá confirmar ou não essa hipótese e levantar outras sobre o contexto de autoria da arte. No momento, já podemos distinguir alguns poucos painéis que foram utilizados uma única vez, em oposição a outros que apresentam uma verdadeira estratigrafia pictural. Cada um daqueles painéis foi aparentemente concebido para formar uma composição, realizado por uma única pessoa e respeitado pelas gerações sucessoras, uma vez que não há sobreposições e nem aproveitamento do espaço entre os grafismos. Cabe ressaltar que, a despeito das particularidades, as características básicas são as mesmas: temática voltada para a representação de cervídeos, pássaros, lagartos, pouquíssimos antropomorfos e representações geométricas que a literatura arqueológica costuma denominar de pectiniformes e grades. Importante notar a quase total ausência de bicromismo, uma escolha estilística que permite estabelecer um contraponto cronológico com os demais setores da serra onde a arte rupestre está sendo estudada.

Podemos traçar paralelos com as diferentes tradições rupestres brasileiras, reforçando a hipótese de que a região foi palco de grande interação cultural antes do contato com o homem branco.

Nesse sentido, um dos sítios pertencentes a esse bloco, o Boqueirão do Sucuri, apresenta uma incursão bastante particular e isolada na nossa pesquisa. Trata-se de um painel que nos remete a Montalvânia, em Minas Gerais. Sua realização é provavelmente uma das últimas no sítio. São figuras grandes e impactantes compostas diretamente sobre um delicado conjunto de pequenas aves e cervídeos confeccionados, anteriormente, em apurada técnica de filigrana.

Ainda nesse mesmo conjunto de sítios, o Vão Grande, à beira do córrego de mesmo nome, é o maior dos sítios conhecidos. Um dos seus painéis, que eleva-se a cinco metros do solo, é composto majoritariamente por grafismos típicos do médio São Francisco e que deu nome à Tradição preponderante naquela região. São utensílios, se é que podemos a nos arriscar a interpretar grafismos pelas associações que nos ocorrem com o mundo sensível e cujo formato não é tão óbvio como no caso dos antropomorfos e zoomorfos. Em todo caso, uma vasta gama de arpões, propulsores e tipitis estão representados em diversas dimensões e

tonalidades de vermelho. À medida em que caminhamos para o norte, essa temática persiste, em menor escala, contrariamente aos sítios conhecidos ao sul do Vão Grande, em que não aparece absolutamente.

O sítio Abrigo do Poção traz uma das raríssimas cenas de todo o corpus. Um conjunto de personagens humanos, formando um semicírculo, com pleno domínio da perspectiva. Parecem estar dançando. Já no sítio Ponta da Serra temos a única cena de caça até o momento descoberta, adornando a entrada da caverna, tal qual um friso. Ambas as ocorrências poderiam nos remeter à Tradição Nordeste, do sul do Piauí, que tem entre suas características definidoras a existência de cenas. Entretanto, o fato de serem ocorrências isoladas nos impede de estabelecer uma filiação. Assim, se nos dispusermos a buscar elementos relacionando a arte rupestre do Lajeado às demais províncias brasileiras, deveremos voltar os olhos para os vales dos afluentes do Rio São Francisco.

A Tradição Planalto também comparece uma vez ou outra com seus grandes peixes na posição vertical e cervídeos de preenchimento quadriculado e focinho chapado, mas de forma bastante pontual.

2º Conjunto

O conjunto de sítios localizados no trecho central da área de pesquisa insere-se em uma paisagem bastante distinta dos enfocados até o momento, dos quais dista em torno de 25 km. Acompanhando a calha do Tocantins, no seu trecho mais próximo às águas, as escarpas são muito mais íngremes e altas. Os abrigos têm conformação diferente, de menor inclinação negativa, portanto com pouca sombra. A água é rara e se tem uma visão muito próxima e de longo alcance do Tocantins. Nessa área temos conhecimento de seis sítios com arte rupestre e, situado entre eles, um abrigo com material cerâmico e lítico na superfície, mas sem pinturas. A essas escarpas correspondem, no lado oposto, encostas que se debruçam para o vale do Lajeado. Quanto às manifestações gráficas, os principais pontos de distinção são o tema e as escolhas técnicas. No sítio Bico de Pedra predominam imagens que retratam o homem; na verdade temos pelo menos dez versões do tema elaborado de forma bastante original. Outro ponto de distinção é a opção marcante pela bicromia. Amarelo e vermelho estão igualmente presentes na maior parte dos desenhos. O sítio em questão exibe uma concentração maior de grafismos em relação ao conjunto pictórico de Palmas, ou seja, o suporte foi ocupado várias vezes sem maiores considerações pelas realizações anteriores. Aqui e ali comparece algum grafismo típico daquele conjunto, como os pequenos pássaros vermelhos e os motivos de grades.

3º Conjunto

Nessa mesma latitude, mas do lado oposto da serra, já no vale do Lajeado, onde uma cadeia de montanhas o separa do Tocantins, o acesso aos sítios é muito mais fácil, a vegetação novamente exuberante, com bastante água. As manifestações rupestres são parecidas com as do Bico de Pedra e sítios circunvizinhos, não exatamente os antropomorfos, mas onças e cervídeos bicrômicos de apresentação gráfica praticamente idêntica. Esse tipo de grafismo é um elemento crono-estilístico importante, pois aparece apenas uma vez na região de Palmas e em relação estratigráfica com o que é específico de lá.

Conhecemos sítios em ambos os lados de vale, tanto na planície como nos paredões. Entre eles existe um sítio bastante *sui-generis*. Sem relação com as onças bicrômicas que distam menos de um quilômetro. É composto por centenas, talvez mais de mil pequenas pinturas de grande diversidade, muitas vezes miniaturas de grafismos conhecidos em outros sítios. Malgrado o precário estado de conservação, o aprofundamento da análise permitirá estabelecer hipóteses sobre a função do sítio que, à primeira vista, aparenta ser um local de convocação ou de reunião, para onde se dirigiam os mais diversos representantes dos grupos que habitavam a região.

Em relação às gravações, podemos afirmar ser uma técnica utilizada quase que exclusivamente nos lajedos situados no leito do Rio Tocantins, cujos motivos são similares às Itacoatiaras do agreste pernambucano (Aguiar, 1986). Há algumas exceções, duas ou três em todo o corpus da arte levantado até agora, totalmente dissociadas dos lajedos. Entretanto, localizamos algumas pinturas retratando essa temática bastante típica das águas. São três pinturas, uma delas no abrigo da Jibóia (região de Palmas) e as outras duas na Serra do Carmo I, pertencente ao conjunto da área central da pesquisa. Em razão de sua posição topográfica e da tinta utilizada no abrigo da Jibóia, estamos bastante inclinados a afirmar tratar-se de ocorrências tardias no bojo dos conjuntos picturais, o que não é suficiente para estabelecer relações de antiguidade entre gravações e pinturas.



Todas essas considerações apontam para uma possível ocupação da região por grupos pré-históricos ligados culturalmente a outras regiões de Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Os estudos, ainda embrionários, procurarão entender em que direção apontam as transformações visualizadas na arte rupestre da região.

Atualmente estamos no estágio de preparação do material levantado - fotos, croquis e cópias em plástico - para darmos início à classificação das figuras, estudos de cronologia relativa e de filiação às demais ocorrências rupestres brasileiras, de modo a abordar questões pertinentes ao processo de ocupação da região.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, A. 1986. A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. Clio, Recife, 8:7-98
- MANTOVANI, L.E. 1990. - Avaliação do meio físico da reserva do Lajeado, região de Palmas, Tocantins. Embrapa, Naurantins.